

A percepção de professores a respeito dos arranjos familiares de seus alunos

Lorena Mara de Jesus Sodré
Mestranda FAE/UFMG

Maria Amália de Almeida Cunha
Orientadora

Priscila de Oliveira Coutinho
Coorientadora

Introdução

O presente texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa que busca compreender em que medida os professores e demais agentes escolares rotulam os estudantes e suas famílias, conforme a configuração familiar desses, principalmente em casos em que as famílias não fazem parte do arranjo nuclear, composto por pai, mãe e filhos. Arranjo familiar esse, que em muitos momentos é considerado o padrão de família ideal. Essa compreensão é importante, uma vez que está presente na sociedade ocidental um discurso que desqualifica as famílias não nucleares, fazendo com que qualquer problema dos membros desses grupos seja justificado sob a perspectiva de que essas famílias seriam desestruturadas, devido a essa diversificação em seus arranjos (PEREZ, 2009).

Considerar o arranjo nuclear como o modelo ideal de família, significa os grupos familiares que não se encaixam nesse modelo, não seriam uma família “normal”. Para compreender como se estabelecem essas dimensões de normalidade presentes na sociedade, Goffman (1982), em seu livro *Estigma*, fornece importantes contribuições a respeito de como são constituídas tais normas. Para o autor a sociedade estabeleceria meios para categorizar as pessoas, as quais possuiriam atributos comuns e naturais para cada categoria a que pertençam. Existiriam atributos que dividiriam os indivíduos em normais e desviantes; os normais seriam aqueles que cumpririam as expectativas normativas apresentadas, já os desviantes carregariam atributos indesejáveis e estigmas que o tornariam inferiores em relação aos normais.

A obra *Outsiders* de Becker (2008) também é importante para compreender essa dimensão social de normal e desviante. Já no início da obra é possível refletir a respeito de como ocorrem as normalizações, pois, segundo ele “todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las” (Becker,

2008, p. 15). Assim como Goffman (1982), nomeia ao que não cumpre as normas estabelecidas de desviantes, Becker as denomina como outsiders, que seriam “alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo” (op. Cit.).

Os autores citados são importantes para a compreensão de como se estabelecem as percepções dos agentes escolares quanto à ideia de família, que é fundamento principal para essa pesquisa, que utiliza a perspectiva da etnometodologia e do interacionismo simbólico enquanto referenciais teórico-metodológicos.

A perspectiva etnometodológica possibilita a análise das práticas e os fatos educativos em sua construção, permitindo a compreensão das situações existentes no ambiente escolar. Dentre as correntes utilizadas pela abordagem etnometodológica, a “teoria dos rótulos”, criada por Becker, foi muito utilizada para explicar o desvio social, e é bastante pertinente para o entendimento do cotidiano escolar.

A escola, na figura de professores, coordenação e direção, tendem a certos entendimentos a respeito de seus alunos, quando relacionados ao arranjo familiar que esse pertence. Aqueles que não possuem as famílias formatadas no modelo nuclear, muitas vezes são considerados desviantes do tipo de família idealizada pela escola. A partir dessa compreensão, é importante entender o porquê e por quem aquele que é dado como desviante é rotulado dessa maneira. A teoria da rotulação busca compreender dentro da própria instituição escolar as razões desse fenômeno, diferente de teorias da educação, que buscam as causas de fracassos ou sucesso escolar, fora da escola, como destaca Coulon (2017).

Assim, faz-se necessário investigar como ocorre a rotulação dos alunos e suas famílias pela instituição escolar, com foco nos arranjos familiares de crianças que não são criadas por mãe e/ou pai, uma vez que as escolas acabam adotando padrões normativos de paternidade e maternidade, excluindo aqueles que não atendem a esses padrões (OLIVEIRA JUNIOR; LIBÓRIO E MAIO, 2015), aprofundando um debate que poderá contribuir também a respeito do entendimento de como essas práticas escolares podem interferir no cotidiano escolar dos estudantes.

Objetivos

Essa pesquisa tem como objetivo geral, compreender a percepção dos professores e gestores escolares sobre as configurações familiares não nucleares, a partir da teoria da rotulação. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: identificar os

discursos e rótulos utilizados pelos agentes escolares em relação a esses alunos e suas famílias; analisar como os discursos e rótulos estabelecidos influenciam a relação entre professores e alunos; compreender como se estabelece a prática dos professores em sala de aula com esses alunos.

Metodologia

Esse trabalho é fruto da análise de dados secundários, provenientes de um trabalho mais amplo que pesquisou a omissão parental, realizada em 2018 pelo Observatório Sociológico Família-escola (OSFE)¹. A pesquisa ocorreu em uma escola pública, localizada em uma região de alta vulnerabilidade.

O trabalho é de abordagem qualitativa, fundamentada na perspectiva da teoria da rotulação, cuja abordagem se inscreve na etnometodologia, a qual possibilita a análise das práticas e dos fatos educativos em sua construção, permitindo a compreensão das situações existentes no ambiente e cotidiano escolar. Foram analisadas as transcrições de grupos focais realizados com professores do ensino fundamental, nos quais se discutiram questões relacionadas às famílias de seus alunos.

Principais resultados

A partir da fala dos professores é possível aferir a tendência de relacionarem a condição social dos estudantes, a profissão e a escolaridade dos responsáveis à participação ou não desses, na vida escolar dos alunos e nas atividades desenvolvidas pela escola. Professores acreditam que as famílias com condições financeiras melhores, tendem a ser mais presentes no cotidiano escolar dos estudantes e a contribuir com as demandas da escola. Por outro lado, quanto mais escassas as condições sociais dos alunos, menor seria a participação dos responsáveis e maiores as dificuldades escolares das crianças e adolescentes.

A configuração familiar dos alunos é importante para compreender a percepção dos professores em relação ao público frequentador da instituição. Grande parte destaca o fato de um número significativo do corpo estudantil não residir com pai e/ou mãe, mas

¹ Pesquisa intitulada: “A omissão parental em famílias populares é mesmo um mito? Colocando à prova uma ‘doxa’ sociológica”.

com avós, tios ou outros familiares, seja por seus progenitores estarem em situação de aprisionamento ou envolvimento com drogas, ou terem sido pais e mães muito jovens. Segundo os discentes, esses pais não teriam desenvolvido a responsabilidade em relação a essas crianças e adolescentes, fazendo com que ficassem a cargo de outros familiares, menos capazes para se envolverem ou compreenderem as necessidades escolares desses alunos.

Para os professores os responsáveis pelos alunos, seriam ingratos em relação à escola, uma vez que essa sempre buscaria formas de aproximação com a comunidade, entretanto, a resposta não seria satisfatória, principalmente quando solicitada a presença de um responsável à escola, fazendo com que muitos problemas deixassem de ser resolvidos. A escola seria tratada como opositora à família e não como uma aliada, que estaria agindo em prol dos interesses dos estudantes.

De maneira geral, no caso da escola estudada, fica evidente o conflito existente entre a escola e a família, uma vez que, os professores tendem a atrelar as dificuldades dos alunos às suas questões familiares e principalmente à ausência dessa família na escola. Entretanto é necessário o entendimento mais aprofundado de como a rotulação das famílias por parte de professores e demais profissionais da escola, influenciam nesse afastamento da família da escola e quais as melhores maneiras de lidar com as dificuldades nessa relação tão importante para a vida dos estudantes, uma vez que são eles os mais afetados por esses impasses.

Referências bibliográficas

BECKER, Howard S. *Outsiders: Estudo de sociologia do desvio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

COULON, Alain. *Etnometodologia e educação*. São Paulo: Cortez, 2017.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; MAIO, Eliane Rose. Famílias não convencionais na escola: a (in)eficiência das estratégias de (des)integração. *HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 63, p. 270-279, jun. 2015.

PEREZ, Marcia Cristina Argenti. Relação família-escola: a escolarização das crianças das camadas populares. In: PINHO, Sheila Zambello (Org.). *Formação de educadores: o papel do educador e sua formação*. São Paulo: Unesp, p. 383-396, 2009.

